

Divus Iulius Caesar: as construções em torno de Júlio César em Veléio, Plutarco e Suetônio

Divus Iulius Caesar: constructions around Julius Caesar in Velleius, Plutarch and Suetonius

Natália Frazão José*

Resumo: Inúmeras são as análises acerca de Caio Júlio César, importante romano que viveu no século I a.C. Diversos autores, de períodos distintos, dedicaram-se a narrar a vida deste personagem, seus feitos, suas conquistas, suas vitórias e derrotas. Logo, possuímos inúmeras faces de César, múltiplas construções que apresentam sentidos variados, objetivos diversificados. É pensando nisto que nos propomos, neste momento, a analisar como três autores, Veléio, Plutarco e Suetônio, pertencentes ao arco cronológico do Principado romano descrevem a vida de Júlio César, ressaltando as diferenças e as semelhanças existentes nestas narrações.

Abstract: Numerous are the analyzes of Gaius Julius Caesar, an important Roman who lived in the first century BC. Several authors, from different periods, devoted themselves to narrate the life of this personage, his accomplishments, his achievements, his victories and defeats. So, we have countless faces of Caesar, multiple constructs that have varied meanings, diverse goals. It is with this in mind that we propose, at this time, to analyze how three authors, Velleius, Plutarch and Suetonius, belonging to the chronological arc of Roman Principate, depicting the life of Julius Caesar, highlighting the differences and similarities between these accounts.

Palavras-chave:

Roma;
Júlio César;
Veléio;
Plutarco;
Suetônio.

Palavras-chave:

Rome;
Julius Caesar;
Velleius;
Plutarch;
Suetonius.

Recebido em: 03/10/2013

Aprovado em: 28/11/2013

* Mestra em História pela Universidade Estadual Paulista/Franca (2012). Atualmente é doutoranda em História Antiga na Universidade Estadual Paulista/Franca sob a orientação da Profa. Dra. Maria Margarida de Carvalho. É pesquisadora do Grupo do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano e bolsista Fapesp.

O desabrochar da figura de César na sociedade romana ocorre durante as décadas finais do século I a. C. A historiografia sobre esse período considera essa uma época conturbada, nas quais as concepções político-romanas passavam por transformações, afetando a sociedade de forma geral. O cenário possibilitou a ascensão de líderes, homens que figuram com destaque perante Roma e suas províncias. É nesse ínterim que se encontra César. Muito se fala deste cidadão romano, que chega a ser considerado como o gerador das instâncias que permitiram a instalação do Principado romano. Várias são suas biografias, relatos sobre seus feitos políticos e militares. Diferente de outros casos, César nos legou muitos escritos de seu próprio punho, testemunhos estes que foram fundamentais para a análise de sua pessoa tanto em Roma de seus dias quanto para nós, pesquisadores do século XXI. Dentre estas construções, destacamos as realizadas por Veléio Patérculo, Plutarco de Queroneia e Caio Suetônio Tranquilo.

Originário da região romana da Campânia, Veléio Patérculo nasceu por volta de 19 a. C., no seio de uma ilustre família. Desde muito cedo, como ressaltam Maria Asunción Sánchez Manzano (2001, p. 07) e Emma Dench (2005, p. 120), Patérculo desempenhou funções militares em meio ao exército imperial romano. Pelos seus serviços, foi nomeado questor em 8 d. C. e, com seu irmão, pretor em 15 d. C. A historiografia existente sobre sua vida defende que Veléio veio a falecer em 31 d. C., em meio às turbulências políticas do período.

Sua obra, aqui analisada, *História Romana* é dedicada a Marcus Vinicius e encontra-se dividida em duas partes, sendo estas o Livro I e o Livro II. O primeiro encontra-se bastante fragmentado, uma vez que parte da narração se perdeu. O fragmento que possuímos termina com a colonização romana desde a Segunda Guerra Púnica, no qual o autor também faz algumas referências à cultura grega e à literatura latina. Na segunda parte da obra, o Livro II, o autor inicia a narrativa a partir de Tibério Graco e a reforma agrária, estendendo-se até o governo de Tibério Cláudio, no século I d. C. Veléio compôs um *Compendium* de História Romana, onde, por meio de um novo modelo de escrita,¹ tenta narrar toda a trajetória enfrentada pelos romanos, desde a fundação da cidade até o governo de Tibério, proporcionando aos seus leitores um panorama geral sobre a

¹ Concordamos com a visão de Raymond Starr (1981, p. 166), o qual nos diz que Veléio, ao usar elementos dos brevíários, panegíricos e biográficos, cria um novo modelo de escrita, que pode ser chamado de *transcursus*. Neste, a história é contada a partir da ressalva de seus pontos principais, ou seja, apenas os acontecimentos de maior importância são narrados pelo autor. Contudo, apesar de ser um novo modelo de escrita, este é colocado em meio ao gênero literário História.

história que envolve a cidade de Roma. É em meio a isso, que podemos encontrar as considerações veleianas sobre importantes personagens, tanto do período republicano quanto do início do Principado romano, entre estes Júlio César.

Sobre Plutarco, não sabemos ao certo a data de seu nascimento. A historiografia sobre o assunto apresenta múltiplas informações que, por vezes, são contraditórias. De acordo com Bernadotte Perrin (1967, p. XI), Plutarco nasceu por volta de 45 d. C, data com a qual o historiador brasileiro Pedro Paulo Abreu Funari (2007, p. 131) concorda. Já para Pierre Maréchaux (2003, p. IX), ele teria nascido em meados de 66 d. C. Independente do ano, sabemos que Plutarco nasceu no século I d. C., em uma pequena cidade chamada Queroneia, interior da Beócia, região localizada entre os golfos de Eubeia e Corinto, próxima a Tebas.

Filho de Autóbulo e neto de Lâmprias, o autor fez parte da nobreza de sua sociedade, o que lhe abriu inúmeras possibilidades, dentre estas a de estudar em Atenas durante a juventude. Após completar seus estudos, viajou por inúmeras regiões, chegando a residir por certo tempo em Roma, onde, por intermédio de Mestrio Floro, adquiriu a cidadania romana. Assim, detentor do que hoje entendemos por tripla cidadania – beociana, ateniense e romana – Plutarco passou a exercer inúmeros cargos políticos em meio à Roma imperial. Foi entre estes que iniciou a escrita de suas várias obras. Contudo, a coletânea de biografias de grandes personagens gregas e romanas, *Vidas Paralelas*, dentre as quais encontramos as biografias de César, constitui uma produção tardia plutarqueana, sendo finalizada na primeira metade do século II d. C., antes que o famoso escritor beociano falecesse, em 125 d. C.

A vida de Caio Suetônio Tranquilo é ainda mais misteriosa, para nós, pesquisadores. O pouco que sabemos sobre sua infância e juventude, assim como sobre sua família, nos é passado por alguns relatos de outros escritores antigos, tais como Plínio, o Jovem, ou até mesmo por algumas inscrições que se referem a nosso autor. A discussão historiográfica sobre seu nascimento é bastante profusa, sendo que se chegou à conclusão, principalmente após os estudos de Syme (1981, p. 23) e Jones (1986, p. 246), de que este teria ocorrido por volta de 70 d. C., em meio a uma família da ordem equestre de cidadania romana. Todavia, apesar das poucas certezas, sabemos que o futuro autor iniciou sua carreira com a função de *advocatus*, logo passando a ocupar o cargo de administrador de bibliotecas públicas imperiais durante a Dinastia Flaviana e culminando com o cargo de *ab epistulis*, função que desempenhou por vários anos. Foi em meio a

estas funções, que proporcionaram o contato de Suetônio com diversos documentos republicanos e imperiais, que o autor deu início à sua mais famosa criação, a coleção de biografias de imperadores romanos, intitulada *Os Doze Césares*. Nesta, o autor dispõe-se a biografar a vida, os feitos, as virtudes e os vícios de doze imperadores romanos, iniciando com aquele que considera ter sido o primeiro, Júlio César.

A partir das colocações acima, podemos perceber que tratamos de três autores pertencentes a momentos distintos do arco cronológico do Principado Romano. Além disso, suas formas de compor seus relatos são diferentes, assim como as sociedades em que estes foram concebidos. Contudo, apesar das diferenças, que estão evidentes nos discursos analisados, também chamou-nos a atenção semelhanças. Similaridades estas que se encontram naquilo que nos é transmitido por tais autores sobre Júlio César, na maneira como estes constroem a imagem deste personagem.

Veléio cita a figura de César várias vezes em seu relato, sendo que, inicialmente, este aparece a título de exemplo de suas conquistas. No entanto, os pormenores da vida deste personagem aparecem, pela primeira vez, no Livro II, 41: “Descendente da nobilíssima família do Júlios, segundo se sabe, muito antiga, uma linhagem que procedia de Anquises e Vênus [...]” (Veléio Patérculo, *Historia Romana* II, 41).

Alude, assim, à descendência de César, algo muito importante para os romanos de sua época. Na visão do autor, este cidadão romano era originário de uma nobre família, a qual, por sua vez, era herdeira de deuses e heróis. Essa passagem, apesar de curta, é muita significativa, uma vez que o autor relaciona a figura de César à religião romana. Ao fazer isso, em nossa visão, César aparece como filho legítimo de Roma, herdeiro de *Iulo*, de Rômulo e de Remo. O elemento religioso aparece com o intuito de respaldar o poder político cesariano desde o início, desde sua origem. O relato deste aspecto da vida de César também é demonstrado em um momento posterior na obra de Suetônio, quando este tenta reproduzir as palavras de César:

E no panegírico da tia disse o seguinte a respeito da ascendência dupla dela e de seu próprio pai: “Do lado materno minha tia Júlia descende de reis, e o paterno está ligado aos deuses imortais. Com efeito, os Márcios Reis, e esse foi o nome de sua mãe, vêm de Anco Márcio e de Vênus provêm os Júlios a cuja gente pertence nossa família.² Há, pois, no nosso sangue a sacralidade dos reis, que têm

²Anco Márcio (em latim *Ancus Martius*) pertenceu à série de reis lendários que governaram Roma até 509 a. C. Neto de Numa Pompílio, sucessor de Rômulo, governou Roma após Túlio Hostílio. Foi o quarto rei da cidade e o último de origem sabina.

grande poder entre os homens, e a santidade dos deuses, de cujo poder depende os reis (Suetônio, *De Vita Caesarum*, VI, 2).

Na obra suetoniana, o próprio biografado confirma suas origens divinas. Nesse momento, podemos notar o uso da tradição e da religião romanas na construção da hereditariedade cesariana. Essa, por sua vez, serve para legitimar e consagrar a família dos Júlios perante a sociedade romana, fator que virá a ser utilizado, posteriormente, por seus descendentes, tais como Augusto.

É curioso notar que tanto Plutarco quanto Suetônio apresentam um mesmo ponto de partida em suas biografias sobre César, como se faz possível perceber nos trechos abaixo:³

Quando Sila chegou ao poder, como não pôde, nem por esperanças ilusórias, nem por medo, separar César de Cornélia, filha de Cina, o qual exercera de maneira absoluta o poder, confiscou-lhe o dote. A causa da hostilidade de César contra Sila era seu parentesco com Mário. Com efeito, Mário, o antigo, tinha desposado Júlia, irmã do pai de César da qual nascera Mário, o Jovem, que era assim primo-irmão de César (Plutarco, *Caesar*, I, 1 – 2).

Aos dezesseis anos perdeu o pai. Designado flâmine de Júpiter durante o consulado seguinte, divorciou-se de Cossúcia, moça de família equestre, mas particularmente rica, da qual ficara noivo em tempo de pretexta. Casou-se com Cornélia, filha de Cina, por quatro vezes cônsul, da qual dali a pouco lhe nasceu Júlia. De jeito algum o ditador Sila conseguiu forçá-lo a que a repudiasse. Em vista disso teve cassado o sacerdócio, o dote da esposa e as heranças familiares e foi considerado do partido inimigo [...] (Suet., *De Vit. Caes.*, I, 1-2).

Logo, a primeira visão de César que Plutarco e Suetônio nos passa é a de sua relação com Mário e Sila, políticos oponentes no último século republicano.

É a partir desse ponto que os resquícios das obras, com as quais temos contato, tanto de Plutarco quanto de Suetônio iniciam sua narrativa. Em ambos, a vida de César, ainda adolescente, é permeada por esse laço familiar com Mário e a oposição a Sila. Essa característica também pode ser encontrada nas linhas veleianas: “Estava extremamente unido a Caio Mário por parentesco e era genro de Cina, cuja filha nenhuma pressão pode fazê-lo repudiar [...]” (Vel. Patér., *Hist. Rom. II*, 41).

³ Faz-se necessário salientar que os dois autores apresentam partes de suas obras que se perderam nos caminhos da história. Assim, suas biografias de César nos chegaram incompletas. Faltam os primeiros anos da vida do biografado, seu nascimento, sua descendência. Trataremos aqui das partes restantes. Para autores como Luciano Canfora (2002, p. 22) e McDonald (1971, p. 92), César teria nascido por volta de 100 a. C.

Encontramos, dessa maneira, o primeiro ponto em comum entre os três autores analisados: todos, mesmo que em diferentes momentos de suas narrativas, aludem ao fato de César ser descendente de Mário e oponente de Sila, colocando-o como um adepto dos *Populares*. A relutância em repudiar Cornélia, filha de Cina,⁴ e o fato de ele ser reconhecido como sobrinho de Mário (ambos líderes políticos contrários aos *Optimates*) são elementos de extrema importância para se compreender o empenho do ainda jovem César em marcar sua posição política a partir de sua descendência e laços familiares. É importante notarmos, a partir desta citação, o uso da memória como forma de legitimação do poder, pois achamos que é a partir da ligação com Mário que César se coloca como inimigo de Sila e defensor dos *Populares*.

Em nossa visão, tal passagem, ao ser narrada pelos três autores, evidencia os resquícios desta afirmação hereditária cesariana. Além disso, demonstra também como os autores iniciam a construção da figura de César dentro do cenário político da sociedade do Principado romano, que vivenciavam.

Sobre os aspectos físicos de César, Suetônio é quem nos passa maiores detalhes: “Diz-se que ele era de estatura alta, tez clara, membros bem proporcionados, faces um pouco mais cheias, olhos negros e vivos, de saúde privilegiada [...]”. (Suet., *De Vit. Caes.*, XLV, 1). Suetônio ainda vai mais longe na caracterização física de César, relatando os cuidados que este homem possuía em relação ao seu corpo e com sua aparência:

Exigente com relação aos cuidados corporais, caprichava no corte de cabelo e em raspar a barba, chegando até a se depilar, o que foi motivo de críticas de alguns,⁵ mas amargurava-se com a própria calvície, exposta amiúde às pilhérias de seus detratores. Por isso, costumava puxar para a parte dianteira da cabeça seus raros cabelos, e de todas as honras conferidas pelo Senado e o povo a nenhuma recebeu com mais satisfação do que a que lhe dava o direito de portar permanentemente a coroa de louro. E também se diz que se fazia notar pela elegância: usava um laticlavo guarnecido de franjas até as mãos e sobre ele passava o cinto [...] (Suet., *De Vit. Caes.*, XLV, 3-5).

Nas linhas suetonianas, o autor passa a imagem de César como um homem, de certo modo, vaidoso com sua aparência. Em nossa visão, ao retratar tais cuidados, Suetônio realiza uma velada crítica a esse aspecto da personalidade cesariana, que pode

⁴ Francisco Polo (1994, p. 69), situa tal acontecimento no ano de 82 a. C.

⁵ De acordo com o tradutor suetoniano Antônio da Silveira Mendonça (2007, p. 75), esses cuidados corporais eram expressões, para alguns romanos da época de César, de uma moda refinada em desacordo com as tradições romanas. Muitas vezes, tais tratos eram vinculados a desvios sexuais.

ser fruto de concepções presentes tanto na época de César quanto no período em que Suetônio se insere. Entretanto, tais descrições também servem para expor a meticulosidade presente nas ações de César, cautela que vai desde o manejo com seu próprio corpo até as suas ações militares e políticas, para este escritor.

A constituição física de César é brevemente relatada por Plutarco (*Caes.*, XVII, 2-3). Segundo suas palavras:

Não admiravam seu amor ao perigo, em virtude de sua ambição, mas o que surpreendia era sua resistência às fadigas, pois que parecia ser forte além de sua capacidade física; com efeito, mesmo sendo franzino de constituição, de pele branca e delicada, achacado de dores de cabeça e sujeito a ataques epiléticos (em Córdoba pela primeira vez, como se diz, esse mal o atacou), não fez de sua debilidade pretexto para a indolência, mas, ao contrário, de seu serviço militar fez a cura de sua debilidade [...].

Dessa forma, Plutarco constrói a aparência física de César para construir também seu caráter. Segundo o autor, César, apesar de sua fragilidade física, é obstinado e isso faz com que ele supere as adversidades que seu corpo coloca. Logo, a figura de César, nesse momento da narrativa plutarqueana, aparece como uma pessoa forte, se não fisicamente, mentalmente e, nisso, está uma de suas virtudes.

As qualidades morais de César aparecem, nas obras de nossos autores, em meio aos acontecimentos de sua vida, no desenvolver de suas ações. Logo no início de seu relato, Veléio já nos dá uma ideia de como caracteriza a figura de César: “Destacou-se por seu equilíbrio entre todos os cidadãos, de grande solidez de caráter, muito generoso em munificência, de valentia sobre humana, acima da natureza e do acreditável [...]” (Vel. Patér., *Hist. Rom. II*, 41). Para esse autor, a excelência da vida de uma pessoa é reflexo de determinado comportamento moral, por isso, dá destaque para as características morais em detrimento das físicas, pois são nas primeiras que está exposto tudo o que se deve saber sobre o personagem.

Como constituintes das qualidades de César, Plutarco e Suetônio aludem a outros aspectos, características estas que abarcam desde as moradias do cidadão romano até o seu peculiar gosto pelos prazeres sexuais. Suetônio, em tais âmbitos, é um pouco mais prolixo, abordando questões desde as moradias de César, seu gosto pelos elementos decorativos e pelos prazeres do sexo, questões estas que pouco ou nada aparecem nas obras dos outros autores aqui analisados. Tais pontos são descritos, parece-nos, para que

o autor possa, através dos aspectos públicos e privados da vida cesariana, construir a personalidade do biografado. Assim, o biógrafo nos informa que: “Morou (César) primeiro numa modesta casa do *Subura*;⁶ depois, como sumo pontífice, na Via Sacra, em edifício oficial. De acordo com testemunho de muitas pessoas foi um apaixonado do requinte e da suntuosidade [...]” (Suet., *De Vit. Caes.*, XLVI, 1-2).

Sobre o modo de vida de César, Plutarco apenas nos fala de sua escolha pela simplicidade, principalmente em épocas de campanhas militares, onde relata que o general não se atava a honras e luxos dignos de sua posição (Plut., *Caes.*, XVII, 4-11). Nesse aspecto, encontramos um ponto destoante entre a narrativa suetoniana e a plutarqueana. Enquanto na primeira, César demonstrava ser um amante do requinte, na segunda, este não fazia questão da ostentação no modo de viver.

Suetônio também diz, ainda, sobre a destreza de César como um sedutor: “É por toda gente reconhecido seu pendor suntuoso pelos prazeres do sexo, seduziu um grande número de mulheres ilustres [...]” (Suet., *De Vit. Caes.*, L, 1). Enquanto Suetônio dedica várias linhas a tal fato (suas descrições sobre esse assunto abarcam os capítulos L, LI e LII), Plutarco pouco nos diz. Este autor brevemente relata os casamentos legítimos de César, dando pouca atenção aos seus hábitos sexuais. Tais pontos constituem caracteres diferentes entre as obras dos autores aqui analisados.

No desenrolar de suas narrativas, quando a ênfase se encontra nas ações públicas de César, sendo estas políticas ou militares, Veléio, Plutarco e Suetônio passam uma imagem do jovem em movimento, ausente de Roma por conta da perseguição política que sofria por parte de Sila. Veléio (*Hist. Rom.* II, 41) diz-nos que César escapou de Roma para resguardar sua vida. Plutarco (*Caes.*, I, 5) relata que o jovem optou por esconder-se quando descobriu os planos silianos para seu assassinato. Por sua vez, Suetônio descreve uma imagem de um homem em fuga, que viveu constantemente trocando de esconderijos e que, por este motivo, correu o risco de cair na clandestinidade (*De Vit. Caes.*, I, 2).

Nesses relatos, podemos encontrar também certas divergências entre os autores. Veléio, apesar de em toda sua obra dar maior destaque para as ações militares dos cidadãos romanos, nada fala sobre o serviço militar prestado por César na Ásia, sob o

⁶ Bairro situado no vale das colinas do *Viminal* e *Esquilino*.

comando de Marcos Termo.⁷ Plutarco também não fala sobre o desempenho de tal função, ao contrário de Suetônio (*De Vit. Caes.*, II, 1-2):

Iniciou o serviço militar na Ásia, no quartel-general do preto Marcos Termo; enviado por ela à Bítinia para mobilizar uma esquadra, deixou-se ficar na corte de Nicomedes, não sem que se espalhasse o boato de ele ter-se prostituído ao rei, rumor aumentado quando logo a seguir voltou a Bítinia sob a alegação de cobrar uma dívida de um liberto, seu cliente. O resto da Campanha lhe valeu uma reputação mais favorável, e Termo, na tomada de Mitilene, condecorou-o com a coroa cívica.

A partida de César para a Ásia em 81 a. C., na comitiva de Marcos Termo, livrou-o da perseguição de Sila. Entretanto, suas funções junto ao rei Nicomedes atribuíram-lhe, na obra suetoniana, algumas denominações maledicentes, pontos estes que não aparecem em Veléio ou em Plutarco.⁸ Na narrativa suetoniana, inúmeras vezes podemos encontrar referências à possível relação entre o rei Nicomedes e César. Em suas palavras: “Nada feriu sua dignidade viril a não ser a parceria com Nicomedes, que lhe custou sério e permanente descrédito e o expôs ao ludíbrio geral” (Suet., *De Vit. Caes.*, XLIX, 1). Desse ponto em diante, o autor faz várias alusões a escritos, cantigas e pequenos versos que possuem como assunto a contraditória relação entre o romano e o rei da Bítinia. Entretanto, sobre o assunto, não deixa clara a sua própria análise, elencando, apenas, as vertentes de opiniões sobre esse assunto. A ausência de críticas por parte de Suetônio mantém, de acordo com nossa visão, a sua própria maneira, a figura viril de César.

O novo ponto de encontro entre as obras ocorre em um momento diferente, quando César começa a se destacar perante a sociedade romana, onde suas primeiras ações irão demonstrar o seu caráter.

Nas descrições plutarqueanas, César passa a desempenhar um papel de maior destaque no seio da política romana após a morte de Sila, quando retorna a Roma (por volta de 78 a. C.). Para o autor, nesse momento, já se faz possível notar uma das principais virtudes cesarianas, a busca pela instrução, algo que o engrandece perante outros romanos que se dedicaram ao desempenho de carreira militar. Em suas palavras: “[...] ele dirigiu-se a Rodes para estudar sob a direção de Apolônio, filho de Mólou, de quem

⁷ Segundo Polo (1994, p. 70), isso ocorreu por volta de 80 a. C..

⁸ Em nossa concepção, tais distinções podem estar também localizadas nas diferenças dos gêneros literários de nossos autores.

também Cícero tinha sido discípulo, uma vez que Apolônio era brilhante professor de retórica e parecia ser de bom caráter” (Plut., *Caes.*, III, 1).

Por meio dessa passagem, podemos notar certo elogio perante a atitude de César. Em nossa concepção, isso acontece, pois Plutarco defende que a constituição da virtude de um homem relaciona-se, diretamente, com sua educação. Em outras palavras, a instrução é a responsável pela conduta correta do indivíduo perante a sua sociedade e pela formação de um bom governante (ZIEGLER, 2009, p. 73). Logo, César, ao buscar pela instrução, estaria buscando também a construção de sua virtude.

Suetônio também ressalta a busca de César pela instrução, entretanto, coloca-a em um momento posterior da vida cesariana.⁹ Para este autor, as circunstâncias que motivam César são outras, porém, os objetivos são os mesmos, como podemos notar no seguinte excerto: “[...] decidi resguardar-se em Rodes para esquivar-se de represália e para frequentar, durante esse período de ócio e descanso, Apolônio Molão, na época o mais ilustre mestre de eloquência” (Suet., *De Vit. Caes.*, IV, 1).

Na continuação de suas narrativas, os autores partem para a análise de outras funções desempenhadas por Júlio César em Roma. Agora, evidenciam seu *tribunato*.¹⁰ Em palavras plutarqueanas: “César recebeu a primeira prova da benevolência do povo para com ele quando, competindo com Caio Pompílio pela função de tribuno militar, foi proclamado publicamente o primeiro” (Plut., *Caes.*, V,1). Nessa passagem, já podemos notar como a imagem de César começa a ser apresentada perante os cidadãos romanos. Aqui, a sua eleição é representativa para se entender como o povo o enxergava nesse período. O mesmo acontece em Suetônio: “Durante seu tribunato militar, primeira magistratura que, ao regressar a Roma, obteve por voto popular [...]” (*De Vit. Caes.*, V, 1.). Mais uma vez, destaca-se a escolha do povo por César, ou seja, ele é eleito por escolha desta parcela da sociedade romana.

Em nossa visão, a nomeação de César como tribuno é destacada pelos autores, pois possibilitou a este visibilidade política, principalmente quando se empenhou pela adoção de medidas de ideais *Populares*, tais como a restauração das prerrogativas dos tribunos da plebe e a anistia dos políticos perseguidos pelo governo siliano.¹¹

⁹ Para Suetônio, a visita de César a Rodes acontece depois do caso Dolabela, antes do sequestro pelos corsários, enquanto, para Plutarco, ela se passa depois dos corsários e antes de Dolabela.

¹⁰ Para L. Taylor (1975, p. 11), a eleição de César como tribuno militar ocorre por volta de 73 a. C..

¹¹ Contudo, apesar de Plutarco e Suetônio citarem a eleição para tribuno militar, Veléio nada cita. Apesar disso, o autor salienta uma das ações que Júlio César realizou durante seu tribunato militar, que foi o retorno

César galgou velozmente as etapas da ascensão política rumo ao consulado. Os autores se atêm a narrar, nesse momento, as magistraturas ocupadas por ele durante os anos que se seguiram à sua nomeação como tribuno. Para nós, faz-se interessante perceber que, em meio às descrições das funções desempenhadas por César, os autores inserem as ações do personagem, deixando entrever a sua personalidade e o seu caráter. Dessa forma, conseguimos notar como se constrói uma visão similar de César nas três obras que aqui analisamos.

O desempenho da *questura* é assinalado por todos os autores.¹² Veléio (*Hist. Rom. II*, 43) coloca tal magistratura como um passo a mais rumo ao consulado visado por César. Plutarco e Suetônio atêm-se um pouco mais ao assunto, ressaltando a administração cesariana da *Hispania Ulterior*,¹³ abastada província romana (Plut., *Caes.*, V, 6; Suet., *De Vit. Caes.*, VII,1).

O mesmo acontece com a eleição de César como edil.¹⁴ De maneiras distintas, os três autores destacam, novamente, essa magistratura desempenhada por César, distinguindo suas ações. De acordo com Suetônio, é nesse momento que Júlio César se preocupa com construções e restaurações de importantes instituições políticas e sociais de Roma, além de proporcionar espetáculos para seus concidadãos. Em suas palavras:

Como edil, ele embelezou, além do comício, do foro e das basílicas, também o Capitólio com a construção de pórticos provisórios para ali expor uma parte de seu tesouro constituído de grande quantidade de peças. Proporcionou caçadas e jogos juntamente com seu colega [...] (Suet., *De Vit. Caes.*, X, 1-2).¹⁵

dos proscritos por Sila às terras romanas. Para nós, isso evidencia que o autor pretendia salientar, assim como os outros, que César, novamente, se colocava como defensor dos *Populares*, opositor de Sila, herdeiro de Mário, utilizando-se assim da memória sobre este personagem romano.

¹² Segundo Taylor (1957, p. 11), César foi eleito questor pela Assembleia do Povo entre 70 e 69 a. C. Coubelhe o exercício de sua função, na comitiva do pretor Caio Antístio Vêtere na *Hispania Ulterior*.

¹³ Concentrada no vale do Bétis, estendendo-se de Cartagena no Mediterrâneo até larga parte do oeste atlântico.

¹⁴ De acordo com Canfora (2002, p. 96), César foi eleito edil por volta de 65 a. C., fazendo, assim, parte de uma instituição colegiada, anual e eletiva. As funções do edil eram exercidas na administração urbana, na vigilância dos mercados, em atividades referentes ao abastecimento da cidade de Roma (*cura annonae*), na organização dos jogos e no cuidado com os arquivos.

¹⁵ O Capitólio ou Monte Capitolino, é uma das famosas sete colinas de Roma. Trata-se da colina mais baixa, com dois picos separados por uma depressão, palco de muitas batalhas e lendas, tais como a vitória dos Sabinos. O Foro fica localizado entre as colinas do Palatino, Quirinal e Esquilino. Constituíam-se no centro dinâmico de atividades políticas, judiciárias e econômicas. O Comício era o local destinado às assembleias centuriadas. As basílicas eram edifícios públicos destinados a reuniões de negócios e a tribunais.

Suetônio demonstra atitudes cesarianas que constituem ações particularmente importantes para a carreira política de um romano, tais como a manutenção e o adorno de locais públicos importantes para a vida social e política romana, assim como o patrocínio de jogos gladiatórios e caçadas, modalidades esportivas que eram muito apreciadas pelos vários escalões da sociedade romana. Tais atitudes também lhe proporcionavam grande visibilidade política.

Toda essa visibilidade política e essa aclamação, por assim dizer, direcionadas à figura de César, levaram-no a garantir a eleição para outros cargos políticos, como é o caso do *Pontificado Máximo*.¹⁶ Aqui, as opiniões dos autores convergem para o mesmo ponto: a vitória cesariana foi um grande expoente do valor deste homem perante grande parte da população de Roma. (Vel. Patér., *Hist. Rom.* II, 43; Plut., *Caes.*, VII, 1; Suet., *De Vit. Caes.*, XIII, 1). Isso porque, César ainda jovem (com cerca de trinta e sete anos) e não pretor, concorreu a este cargo com Isáurico e Cátulo, homens ilustríssimos e que, segundo as palavras de nossos autores, muito acima do vencedor em idade e número de títulos, ou seja, candidatos para quem, geralmente, se reservava o cargo. A vitória antecipada de César deixa claro o poderio político que convergia para as mãos deste homem; poderio este ao qual, a partir desse momento, se somava o comando supremo da religião romana.¹⁷

Faz-se necessário nossa ressalva neste ponto acerca de um aspecto que podemos notar em nossos autores. Estes, em meio a seus relatos sobre a carreira política de César, sempre demonstram a importância que teve o apoio do povo nas eleições de César. Esse favorecimento do futuro governante perante uma grande parcela da sociedade romana aparece várias vezes no desenrolar das narrativas. Por exemplo, podemos encontrar em Suetônio as seguintes passagens: "Conquistado o favor popular [...]" (*De Vit. Caes.*, XI,1. Grifo nosso). Ou ainda: "[...] Ademais, dois dias depois, como *uma multidão num impulso*

¹⁶ O título de *Pontífice Máximo* (*Pontifex Maximus*) foi conquistado em 63 a. C. Tratava-se do mais alto cargo sacerdotal, representando todas as divindades reconhecidas pelo Estado romano, sendo superior a todos os sacerdotes. Suas funções abarcavam a custódia das *Virgens Vestais*, a vigilância das associações de cultos, a administração dos *prodigia*, a nomeação e direção dos cinco flâmines e do *rex sacrorum*. Responsabilizava-se também em intervir nos casamentos celebrados com a *confarreatio* e nas distinções dos dias fastos e nefastos. Em suma, era partícipe de tudo que interessava nos âmbitos dos cultos públicos, domésticos e gentílicos. O cargo, muito ambicionado e bastante rendoso, remetia ao futuro governante de trinta e sete anos a responsabilidade por toda a vida religiosa de Roma.

¹⁷ Segundo Canfora (2002, p. 52) e Mendonça (2007, p. 30), o culto religioso exercia grande influência na sociedade romana, servindo, inclusive, como instrumento de dominação.

espontâneo batesse às portas e em alvoroço assegurasse sua colaboração para preservá-lo o cargo, ele a acalmou" (*De Vit. Caes.*, XVI, 3). [grifo nosso].

Em Plutarco (*Caes.*, IV, 1-5), as referências ao apoio a César são ainda mais expressivas:

Em Roma, irradiava-se de César uma grande sedução por causa de sua eloquência nas defesas, e considerável estima vinha-lhe de seus concidadãos pela amabilidade de seu acolhimento e de sua conversação, visto que era mais obsequioso que os da sua idade. Ele tinha também certo poder político que crescia graças aos festins, às refeições e, em geral, ao brilho de sua maneira de viver.

O mesmo apoio aparece em Veléio quando este nos fala: "[...] em uma *atitude favorável da cidade* para com ele (César), superior a aquela que se teve com os acusados [...]" (*Hist. Rom. II*, 43) [grifo nosso]. Logo, nas passagens acima arroladas, os autores deixam entrever que em suas visões César possuía o apoio de grande parte da população romana, fato que o levou à conquista de inúmeros cargos e magistraturas no seio político e militar romano.

Dentre esses cargos conquistados por César, segundo nossos autores, também se encontram a *pretura* e, posteriormente, o *consulado*.¹⁸ É interessante notarmos que aqui se dá um novo ponto de encontro entre as obras dos três autores por nós selecionados. Segundo eles, é a partir das eleições para o cargo de cônsul que César dá início às relações com Crasso e Pompeu, relações estas que irão culminar no Primeiro Triunvirato. Tanto em Veléio, quanto em Plutarco, este novo modelo político é alvo de críticas, como podemos notar nos trechos abaixo:

Assim, sendo cônsul constituiu uma sociedade de poder entre Cneu Pompeu e Marco Crasso e esta, que foi nefasta para Roma e para o mundo, acarretou consequências não menos fatais a cada um em momentos distintos. Ao apoiar esse projeto, Pompeu teve a intenção de que sua conduta nas províncias do outro lado do mar, que muitos, segundo dissemos, criticavam, fosse finalmente aprovada por intermédio do cônsul César; de sua parte, César se dava conta de que auxiliando na glória de Pompeu aumentaria a sua, e que desviando-se para a partilha do poder, aumentaria suas possibilidades; Crasso, como, de início, não havia conseguido sozinho o poder, tentava alcançá-lo pela autoridade de Pompeu e pelos recursos de César (*Vel. Patér., Hist. Rom. II*, 44).

¹⁸ De acordo com a historiografia aqui consultada, essa eleição ocorreu por volta de 62 a. C.

Entrou na cidade e imediatamente assumiu uma política que enganou a todos, exceto Catão. Essa política causou a reconciliação de Pompeu e Crasso, os mais poderosos da cidade. César, levando esses homens de malquerença para a amizade e concentrando em si a força de ambos, mudou disfarçadamente o regime político com um ato que pretendia ter o nome de humano (Plut., *Caes.*, XIII, 3-5).

Plutarco produz críticas mais duras à participação de César nesse pacto, vendo-o como o principal responsável por essa associação política, ao contrário de Veléio, que salienta que esta união é intentada por todos os partícipes, que enxergam nela a solução para seus problemas políticos. Suetônio, por sua vez, sugere uma visão mais particular da manutenção de relações entre César e os outros dois importantes romanos. Para ele, a atitude de César ao se unir a Pompeu e Crasso é resultado das ações do Senado perante seu consulado.¹⁹ Assim, a união entre César, Pompeu e Crasso é também uma estratégia defensiva (Suet., *De Vit. Caes.*, XIX, 4).

As narrativas dos autores sobre a constituição do Primeiro Triunvirato encontram-se ainda em um novo ponto: todos parecem denotar grande importância ao estabelecimento de laços familiares através do casamento entre Júlia, filha de César, com Pompeu. Mesmo Veléio, devido a sua obra pertencer a outro gênero literário, não deixa passar tal acontecimento sem referi-lo. Em suas palavras: “Também estabeleceu um parentesco por matrimônio entre César e Pompeu, pois Cneu Magno se casou com a filha de César.” (Vel. Patér., *Hist. Rom.* II, 44). Para Suetônio, o estabelecimento de relações familiares aproximou os dois governantes, inclusive politicamente: “[...] a partir desse novo parentesco passou a pedir o parecer de Pompeu em primeiro lugar [...]” (Suet., *De Vit. Caes.*, XXI, 2). Em Plutarco, tratou-se de uma manobra política da parte de César:

César procurava apoderar-se ainda mais da influência de Pompeu: ele tinha uma filha, Júlia, que era noiva de Servílio Cépio; comprometeu-se a casá-la com Pompeu e declarou que daria a Servílio a filha de Pompeu, que também não era livre, mas tinha sido prometida a Fausto, filho de Sila (Plut., *Caes.*, XIV, 7).

É interessante notarmos que, mesmo de forma mais velada, as críticas sobre as atitudes de César são maiores a partir do momento em que este estabelece sociedades políticas, através de acordos ou de casamentos, com Pompeu e Crasso. César, nesse momento, apresenta-se como um homem em busca de maiores poderes e, por isso

¹⁹ Foi eleito cônsul juntamente com Bíbulo.

mesmo, transforma-se em alvo de críticas por parte dos autores. Logo, tais críticas são direcionadas à busca pelo poder único, centralizado, um dos únicos aspectos da vida de César do qual Augusto será desvencilhado posteriormente.

Apesar das críticas, podemos notar que as vidas de César descritas pelos autores ainda apresentam um profundo tom elogioso, pois as atitudes e as ações do personagem são direcionadas pelas necessidades de seu próprio tempo. A valorização dos feitos de César, mesmo quando este não está em uma posição condizente com seus valores, é feita constantemente no desenvolver das narrativas de Veléio, Plutarco e Suetônio.

Como exemplares dessa valorização, podemos ressaltar o ponto que se segue ao estabelecimento do Primeiro Triunvirato: a desenvoltura do comando militar de César nas regiões que lhe foram designadas durante seu consulado.²⁰

A carreira militar de César é algo que sempre está em destaque nas obras que tratam de sua vida, principalmente naquelas onde seus autores desempenharam, em algum momento de suas vidas, funções em campos de batalhas, como é o caso de Patérculo. Este tece inúmeros elogios ao general:

César realizou depois na Gália coisas assombrosas que dificilmente poderiam ser explicadas em muitos volumes, e não satisfeito com as muitas e felizes vitórias, onde caíram e foram feitos prisioneiros milhares de inimigos em números incalculáveis, transportou seu exército para a Bretanha, buscando assim outro mundo, para nosso poder e para o seu (Vel. Patér., *Hist. Rom. II*, 46).

O mesmo tom elogioso aparece em Plutarco, que nos diz que o período de guerras mostrou que César não era um guerreiro ou comandante inferior a nenhum outro. Para este autor, o general equiparava-se aos Cipiões e aos Metelos (Plut., *Caes.*, XV, 2 – 5).

Os autores demonstram, nesse momento, a grande desenvoltura das ações do general, característica esta que irá formar, em nossa visão, mais uma de suas virtudes. Isso se dá porque o modo como um cidadão romano desempenha suas funções militares em campos de batalha são partes importantes da constituição da personalidade de tal

²⁰ César parte para a Gália em março de 58 a. C., dando princípio à campanha contra os helvécios, que termina com a vitória do general romano nas terras de *Bilbracte*. Ainda no mesmo ano, travou disputas contra os germanos, ocupando *Besançar* e saindo vitorioso da batalha de *Ariovisto*. No verão de 57 a. C., sustentando suas conquistas militares, os soldados cesarianos iniciam a campanha contra os belgas, o que culmina na derrota de sua coalizão, em *Áxora* (WOOF, 1998, p. 56).

homem, de sua *areté* e de sua *agathós*.²¹ Assim, a sua bravura, coragem e força perante o inimigo somam-se na construção de sua índole e caráter.

A partir dos pontos que até então abordamos nesse artigo, já se faz possível uma compreensão prévia acerca das construções da imagem de César. Veléio, Plutarco e Suetônio, mesmo que fazendo uso de técnicas e padrões de escrita distintos, apresentam uma concepção bem próxima sobre este personagem, sua vida e seus feitos. Ressaltamos aqui que tais escritores se inserem em arcos temporais diferentes daqueles sobre o qual escrevem,²² ou seja, em um período pós César e, o mais importante, pós Augusto.

Também como frutos dessa construção, podemos notar as concepções dos autores acerca dos motivos que fizeram com que César entrasse em uma guerra civil com Pompeu. Veléio (*Hist. Rom.* II, 44) desde o primeiro momento destaca que a formação desse pacto político terá más consequências para todos os envolvidos. Por sua vez, Suetônio e Plutarco também enxergam as consequências funestas para aqueles envolvidos na formação deste acordo político (Plut., *Caes.*, XIII, 4-5; Suet., *De Vit. Caes.*, XIX, 3-4).

Segundo nossos autores, os princípios dessa guerra civil romana encontram-se em dois pontos principais: a morte de Júlia,²³ esposa de Pompeu e filha de César, e a morte de Crasso;²⁴ fatores estes que vieram por abalar ainda mais um sistema governamental que já se encontrava em bases instáveis. Por conseguinte, Veléio, Plutarco e Suetônio também salientam a nomeação de Pompeu como cônsul único, por volta de 52 a. C., o que seria o estopim para a contenda entre os dois ex-triúmviros.

Nesse momento de suas narrativas, os autores se alongam em narrar os pormenores das contendas entre César e Pompeu. Através das exposições de nossos autores, faz-se possível a compreensão, segundo nosso entendimento, que as atitudes de César, de uma forma ou de outra, são direcionadas, em seus relatos, pelas ações de Pompeu contra sua pessoa e contra seus partidários. Mesmo na versão de Suetônio, que

²¹ O termo grego *areté*, de forma mais ampla, refere-se às qualidades e méritos de algo ou alguém. Na historiografia, a tradução que mais aparece para esta palavra é "virtude". A *areté* também pode aparecer vinculada à palavra grega *agathós*, que pode tanto indicar *o nobre, o aristocrata*, quanto o homem que tem valor e coragem.

²² Como já salientamos, Veléio viveu entre os séculos I a. C e I d. C. enquanto Plutarco e Suetônio viveram entre os séculos I d. C e II d. C.

²³ Por volta de 54 a. C.

²⁴ Patérculo salienta que Crasso foi morto em combate pelo rei Orodes (*Hist. Rom.* II, 46). Plutarco (*Caes.*, XXVIII, 1), que ele morrera entre os partos. Em Suetônio, por sua vez, não podemos encontrar profusas referências a esse fato.

apresenta um tom um pouco mais crítico acerca da participação cesariana, a dor consome César quando este percebe que não há saída a não ser aquela onde as legiões dos dois generais se enfrentam no campo de batalha. Cria-se, portanto, certa idealização acerca da guerra civil, seus motivos, suas explicações; idealização esta na qual César não aparece como seu principal causador, mas sim como um cidadão que se envolve para defender seus partidários, seus amigos, sua pátria.

O desenrolar dos conflitos bélicos entre os exércitos dos dois generais é bastante amplo nas obras de nossos três autores. Muitas são as manobras desempenhadas pelas legiões adversárias, inúmeros são os sucessos e insucessos dos dois lados das batalhas. Entretanto, todas as narrativas culminam em um mesmo ponto: o confronto em Farsália.

A batalha de Farsália, também chamada de Tessália, é o encontro culminante dos dois cidadãos romanos que guerreavam entre si. Tanto Veléio (*Hist. Rom. II*, 51-52), quanto Plutarco (*Caes.*, XLIV, XLVII) concedem longo espaço ao relato desta importante disputa. No entanto, Suetônio (*De Vit. Caes.*, XXXV, 1) é brevíssimo em sua descrição, o que constitui mais uma questão distintiva entre as obras de nossos autores. Para nós, isso ocorre, pois este autor se preocupa, acima de tudo, em evidenciar determinados aspectos das ações cesarianas durante o conflito, em detrimento dos aspectos puramente militar. Assim, Suetônio tenta demonstrar como o caráter de César foi característica fundamental para a sua vitória. Narra sua persistência à frente de adversidades colocadas pelas batalhas, sua audácia e bravura (Suet., *De Vit. Caes.*, XXXVI, 1-2).

O desfecho da guerra civil encontra-se na fuga de Pompeu para terras egípcias, onde, ao persegui-lo, César o encontra assassinado (Vel. Patér., *Hist. Rom. II*, 53; Plut., *Caes.* XLVIII, 1; Suet., *De Vit. Caes.*, XXXV, 1.). Ao abordar tal assunto, os autores são unânimes na demonstração da desolação de César quando a cabeça de Pompeu lhe foi entregue por um súdito do governante de Alexandria, o jovem Ptolomeu XIV. Segundo Veléio, o confronto foi fruto das emboscadas armadas pelo soberano alexandrino para César e seus soldados, como podemos notar em suas linhas seguintes: "Pretendiam emboscá-lo durante sua chegada, e se atreveram, depois, a persegui-lo com armas, mas pagaram mercedamente com a vida aos dois supremos generais, a um, depois de morto, a outro, que seguia vivo" (*Hist. Rom. II*, 54). Plutarco e Suetônio, igualmente, dedicam parte de suas narrativas à descrição da batalha de Alexandria, entretanto, inserem em seus relatos personagens diferentes, tais como Cleópatra. Para estes autores, a soberana ptolomaica participou de forma efetiva destes eventos. Plutarco é quem mais se dedica a

narrar a relação estabelecida entre Cleópatra e César. Para ele, a rainha teria sido uma das principais causas da indisposição entre Júlio César e o governo alexandrino representado por Ptolomeu XIV (Plut., *Caes.*, XLIX, 5).

É curioso notar que, nesse momento, nem Veléio nem Suetônio atribuem o mesmo aspecto ao romance entre César e Cleópatra e, muito menos, atribuem culpa a ele pela Guerra de Alexandria. Suetônio trata Cleópatra como mais uma das amantes de César, mesmo que esta tenha recebido mais honras que as outras (Suet., *De Vit. Caes.*, LII, 1-2).

No desenrolar de suas narrativas, nossos autores passam a voltar suas atenções para outros fatores. Após a morte de Pompeu, César constituía o único sobrevivente do pacto governamental formado anos antes, o que, agora, colocava-o em pleno destaque na sociedade romana. As descrições de suas ações são direcionadas, a partir desse momento, para suas novas funções e novos desempenhos perante o governo de Roma.

Veléio será, novamente, o autor mais breve nesse quesito. Narra, em poucas linhas, a perseguição aos fugitivos da guerra civil, dando destaque, portanto, às ações militares de César (Vel. Patér., *Hist. Rom.* II, 55). Mais uma vez, salientamos aqui que tais características são frutos tanto do estilo literário de Veléio quanto de sua própria vivência, uma vez que desempenhou funções militares.

Plutarco, da mesma forma, traça os caminhos percorridos por César e seus legados antes de retornarem a Roma. Segundo esse autor, ao sair de terras egípcias, dirigem-se à Ásia,²⁵ onde travam rápida e violenta batalha contra os habitantes provincianos que se insurgiam contra Roma (Plut., *Caes.*, L,1-3.). Sobre o retorno de César a Roma, após tais disputas, o autor descreve os triunfos recebidos pelo general. Seriam estes os da Gália, do Egito, do Ponto e da Líbia, sendo este último comemorado a respeito da vitória sobre Juba (Plut., *Caes.*, LV, 1-3).

Por sua vez, Suetônio igualmente ressalta os mesmos pontos encontrados na biografia plutarqueana, porém, dá mais atenção às ações dentro de Roma do que aquelas que o general realiza em batalhas militares. Após narrar as vitórias cesarianas em Alexandria, na Síria e no Ponto (Suet., *De Vit. Caes.*, XXXV, 3), o autor descreve em pouquíssimas linhas as vitórias de César sobre as forças remanescentes da guerra civil, ou seja, sob Juba, Cipião e os filhos de Pompeu (Suet., *De Vit. Caes.*, XXXV, 4). Entretanto, o

²⁵ Trata-se aqui da província romana da Ásia, onde Fárnaces, filho de Mitridates, tentava aproveitar-se da guerra civil e da instabilidade romana para restaurar o reino de seu pai. De acordo com Stefan Weinstock (1971, p. 30), Júlio César dirige-se a essas terras por volta de 46 a. C.

autor, parece-nos, faz questão de avultar o glorioso desempenho de César. Isso nos é passado por trechos de sua obra, tais como: “Em todas as guerras civis não sofreu qualquer derrota [...]” (Suet., *De Vit. Caes.*, XXXVI, 1). Ou ainda: “Sob seu comando, as batalhas foram sempre de êxito indiscutível e a fortuna nem mesmo lhe foi ambígua [...]” (Suet., *De Vit. Caes.*, XXXVI, 2). Logo, as palavras de Suetônio demonstram o elogio e a admiração do autor pelos feitos realizados por César e suas legiões.

Patérculo, sempre ressaltando as atitudes nos campos militares de César, também menciona os triunfos protagonizados por este durante seu retorno a Roma após as deflagrações civis (Vel. Patér., *Hist. Rom. II*, 56). Sobre o desempenho de César perante Roma, as sentenças deixadas por Veléio são poucas e, nestas, ele menciona, brevemente, o caráter clemente demonstrado pelo general (Vel. Patér., *Hist. Rom. II*, 56). Aqui, notamos mais uma vez que César se apresenta, para esse autor, como detentor de umas das características próprias de um bom governante e homem virtuoso.

A biografia suetoniana acerca da vida de César passa a se concentrar em outras questões, questões estas que abarcam as ações e atitudes cesarianas dentro da sociedade romana. Trata, assim, da realização dos desfiles triunfais, referindo-se a cinco: o da Gália, de Alexandria, do Ponto, da África e, por último, o da *Hispania*; sempre abordando a grandiosidade das conquistas apresentadas por César nessas ocasiões, assim como o faz Veléio (Suet., *De Vit. Caes.*, XXXVII, 1-4).

As informações que se seguem no relato suetoniano tratam das ações de César na sociedade romana, uma vez que, agora, ele se colocava como o único sobrevivente da guerra civil e, portanto, o único que restou do antigo pacto governamental. As atitudes de César são expressivas para compreendermos como este passa a se destacar em meio à sociedade romana após o conflito civil. Suetônio, dentre nossos autores, é um dos que mais alude a essas ações. Em suas palavras:

A título de despojo, deu a cada soldado da infantaria das antigas legiões vinte e quatro mil sestércios, além dos dois mil pagos no início da conflagração civil. Concedeu também lotes de terras, mas não contíguos, para não desalojar nenhum possuidor. A população doou, além dos dez módios de trigo e igual quantia de óleo, trezentos sestércios por pessoa, prometidos anteriormente, mais outros cem pelo atraso [...] (Suet., *De Vit. Caes.*, XXXVIII, 1-4).

O excerto acima citado descreve a figura de César como um homem, de certa forma, caridoso e generoso, preocupado em cumprir com promessas feitas a seus

concidadãos e em retribuir o auxílio de seus companheiros de armas. Logo, todo esse trecho é constituído pela menção à prestação de bens de subsistência a estes setores da sociedade romana. Em nossa concepção, essa menção é parte integrante da idealização feita sobre César e suas atitudes.

Também dentro desses parâmetros, Suetônio e Veléio, assim como Plutarco o fez, salientam que César proporcionou espetáculos de diversos tipos, tais como teatrais, gladiatórios, jogos circenses e batalhas navais, todos voltados para o entretenimento e divertimento da sociedade romana (Suet., *De Vit. Caes.*, XXXIX, 1; Vel. Patér., *Hist. Rom. II*, 56).

As ações de César no período em que este esteve à frente do governo de Roma ainda são bastante citadas por Veléio, Plutarco e Suetônio. Porém, o encontro entre as três narrativas dá-se em um momento ímpar para a história da sociedade romana: o assassinato de César. Segundo Suetônio, é em meio às inúmeras atividades frente ao governo de Roma que César tem sua morte antecipada mediante uma confabulação homicida (Suet., *De Vit. Caes.*, XLIV, 7).²⁶ Para Plutarco (*Caes.*, LX, 1):

O amor ardente pela dignidade real provocou contra César o ódio mais declarado e que foi causa de sua morte; isso foi para o povo um primeiro motivo de censura, e para aqueles que há muito tempo procediam com dissimulação foi o mais especioso pretexto.

Para o beociano, a causa do assassinato de César estava na sua aspiração à monarquia, algo que não era benquisto pelos seus concidadãos. Porém, as linhas plutarqueanas parecem expressar uma dualidade na ambição monárquica de César. Ao mesmo tempo em que o autor acusa esse romano de aspirar ao trono, ressalta, momentos antes, que suas ações sempre foram boníssimas e que o povo romano passou a enxergar na monarquia a solução para o caos deixado pelas guerras civis. Em suas próprias palavras: "Entretanto, como os romanos se inclinaram diante da sorte desse homem e aceitaram o freio e como julgaram que a monarquia fosse uma pausa após os males da guerra civil, nomearam-no ditador vitalício [...]" (Plut., *Caes.*, LVII, 1).

Veléio produz um relato um pouco mais apaixonado, por assim dizer, sobre a conspiração contra César. Em sua visão;

²⁶ Segundo Canfora (2002, p. 371), essa ocorreu em 15 de março de 44 a. C.

Porém, a um homem de tal categoria e clemência em todas as suas vitórias, não lhe durou a tranquilidade do principado mais de cinco meses. De fato, havia retornado no mês de outubro e foi assassinado nos idos de março, sendo os promotores da conjuração Bruto e Cássio (Vel. Patér., *Hist. Rom.* II, 56).

A culpa do assassinato de César, pelo que nos parece, na obra veleiana estava na constante busca pelo poder de homens ambiciosos, como é o caso de Bruto e Cássio. Aqui, a aspiração monárquica de César não é citada como causadora de sua morte, mas sim o desgosto que causou a determinados cidadãos. Porém, um fator bastante significativo é que Veléio denomina o período em que César esteve à frente do governo em Roma como um Principado. Tal nomeação condiz com a visão suetoniana, segundo a qual este autor caracteriza César como o primeiro imperador romano.

Ainda, um fator que chamou nossa atenção foi o uso da palavra *clemência*. Além de esta aparecer algumas vezes no relato veleiano, Suetônio também a usa ao se referir a César. Para ele: "Não apenas no transcórre da guerra civil como também na vitória, deu mostras de admirável moderação e clemência" (Suet., *De Vit. Caes.*, LXXV, 1). Em nossa visão, essa parece ser uma característica adotada por César durante o período em que permaneceu em destaque em meio à política romana, atributo este que o colocaria como um exemplo de bom governante.

Como Plutarco, Suetônio também enxerga que as razões do assassinato estavam conectadas com a busca pelo poder de César (Suet., *De Vit. Caes.*, LXXVI). Para tanto, da mesma forma que o beociano, enumera inúmeros acontecimentos onde César teria dado mostras de suas intenções monárquicas.²⁷

Sobre a conspiração, o autor alude que mais de sessenta homens tiveram participação nesta, sendo estes desde pessoas próximas ao general até seus mais declarados inimigos (Suet., *De Vit. Caes.*, LXXX, 7). Sobre os homens que participaram dos planos para o assassinato, Plutarco também nos fala, relatando que os principais conjuradores participavam do círculo de amizade e de confiança de César (Plut., *Caes.*, LXII).

²⁷ Dentre estes, estaria elencado o episódio ocorrido nas festividades dos *Lupercais*, onde Marco Antônio, durante a celebração, teria oferecido a César uma coroa de louros, item representativo da monarquia. Esse, por sua vez, recusou-a parecendo ofendido, no entanto, para o povo, isso foi uma pequena mostra das intenções cesarianas e de seus partidários (Suet., *De Vit. Caes.*, LXXIX, 3; Plut., *Caes.*, LXI, 1-10). Em Veléio, a culpa deste episódio recai inteiramente a Marco Antônio, homem caracterizado pelo autor como portador de má índole (Vel. Patér., *Hist. Rom.* II, 56).

Os autores relatam um ato de extrema violência, no qual, mesmo ferido, César não deixa de lutar e de demonstrar seu caráter e dignidade. Mesmo na morte, a única coisa que, segundo nossos autores, abalou a coragem e a determinação cesariana, foi a traição daquele por quem nutria afeto e a quem tinha perdoado após a morte de Pompeu.

Os momentos que se seguem ao assassinato são narrados pelos autores como sendo bastante confusos e exacerbados. Tanto Suetônio quanto Plutarco passam a dar atenção aos eventos que se seguiram ao crime, tais como a fuga dos assassinos, a desordem na cidade quando a notícia se espalha e a atitude do povo (Suet., *De Vit. Caes.*, LXXXII, 3-5; Plut., *Caes.*, LXVII, 1).

Outro fator de destaque nas obras dos autores supracitados é a reação do povo diante ao assassinato de César. Os dois são unânimes em afirmar o estado de consternação do povo ao deparar-se com o cadáver de César. Tamanha é a comoção popular que esses, ainda segundo nossos autores, não esperam que o esquife seja depositado em seu leito fúnebre, incendiando-o durante o cortejo, atirando-lhe todo o tipo de presentes que possuíam em mãos. Nesse momento, os autores relatam um aspecto mítico da morte de César, em que o espírito deste ascende aos céus, em forma de estrela (Plut., *Caes.*, LXVIII, 1-7; Suet., *De Vit. Caes.*, LXXXIV).

A dor do povo é expressa na construção de uma coluna maciça de mármore numídico no *Foro* romano em homenagem ao falecido, onde, de acordo com Suetônio, estava a inscrição: "Ao Pai da Pátria" (Suet., *De Vit. Caes.*, LXXXV,2). Nas linhas do autor: "Aos pés dela, por longo tempo, continuou-se a oferecer sacrifício, fazer promessas, solucionar litígios, jurando pelo nome de César" (Suet., *De Vit. Caes.*, LXXXV,2).²⁸

As homenagens, segundo Suetônio, não se restringiram apenas aos habitantes de Roma, mas: "Em meio à maior tristeza do povo, uma multidão de estrangeiros, em grupos, pranteou, cada um à sua maneira, principalmente os judeus, que chegaram a visitar o local da pira durante noites seguintes" (Suet., *De Vit. Caes.*, LXXXIV, 8). A evidente manifestação de pesar oriunda de povos estrangeiros deve ter impressionado o biógrafo, a ponto deste citá-las, de forma significativa.

²⁸Atualmente, permanecem as ruínas do templo construído em homenagem a César, onde pesquisadores acreditam estarem também os resquícios desta coluna. Nesse local, as homenagens a César ainda estão presentes, uma vez que são comuns o depósito, nas ruínas, de arranjos florais e pequenos dizeres em homenagem ao general. Para nós, isto é um demonstrativo da perpetuação da ideologia que cerca a imagem de César, de seus feitos, suas glórias e sua violenta morte.

Assim, nossos autores terminam seus relatos a respeito de Caio Júlio César. Como pretendemos demonstrar, suas linhas são expressivas para criar uma imagem em torno deste cidadão romano, uma imagem que, apesar das diferenças existentes entre os escritos, perpetuou-se no decorrer do tempo, foi assimilada, reconstruída, re-significada.

Veléio, Plutarco e Suetônio, através de todas as suas dessemelhanças, tais como o período em que escreveram, a sociedade em que viveram, o modo como se inseriram ou foram inseridos na sociedade romana, ou, até mesmo, os diferentes gêneros literários que adotam em seus escritos, parece-nos, elaboram uma visão bem semelhante sobre a vida do singular personagem republicano Caio Júlio César. As similaridades, a despeito de todas as divergências, estão alocadas nas construções que tais autores fazem do *Divus Iulius Caesar*.

Os discursos, frutos de seu tempo e da subjetividade de seus autores, constituem instrumentos capazes de influir no imaginário social, no imaginário coletivo. São instrumentos de poder a partir do momento que possuem a aptidão de legitimar tanto a figura de determinados homens, como períodos e sistemas políticos como um todo. Em nossa visão, ao legitimarem a figura de César em períodos posteriores, em meio à estrutura política do Principado romano, os autores que aqui analisamos buscaram a legitimação daquele que foi denominado como seu herdeiro, Augusto. Para além disso, buscaram legitimar o sistema político que iniciou suas bases com as ações de Júlio César, o Principado romano.

Referências

Documentação primária impressa

PLUTARCH. *Plutarch's Lives*. Translation, introduction and notes by Bernadote Perrin.

Cambridge: Loeb Classical, 1967, p. XI – XIX.

PLUTARCH. *The lives of the noble Grecians and Romans*. Translation of Thomas North and

Judith Mossman. Ware: Wordsworth Editions, 1999.

PLUTARCO, SUETÔNIO. *Vidas de César*. Tradução e notas de Antônio da Silveira

Mendonça e Ísis Borges da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

- PLUTARQUE. *Vies Parallèles I*. Traduction de J. Alexis Pierron. Revue et corrigée par Françoise Frazier. Introduction, notices, notes, bibliographie et chronologie par Jean Sirinelli. Paris: Flammarion, 1995.
- SUÉTONE. *Vies des douze Césars*. Préface de Marcel Benabou. Paris: Les Belles Lettres, 1975.
- SUENTONNIUS. *The lives of Caesars*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- SUENTONNIUS. *The Lives of the twelve Caesars*. Los Angeles: Echo Library, 2006.
- VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana I*. Traducción de Maria Assunción Sánchez Manzano. Madrid: Gredos, 2001.
- VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*. Traducción de Maria Assunción Sánchez Manzano. Madrid: Gredos, 2001.
- VELLEIUS PATERCULUS. *Histoire Romaine T I: Livre I*. Trad. Joseph Hellegouarc'h. Paris: Les Belles Lettres, 1982.
- VELLEIUS PATERCULUS. *Histoire Romaine T II: Livre II*. Traduction de Joseph Hellegouarc'h. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

Obras de apoio

- CANFORA, L. *Júlio César: o ditador democrático*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- DENCH, E. *Romulu's Asylum*. Roman identities from the age of Alexander to the age of Hadrian. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- FUNARI, P. P. Introdução a Plutarco. In: PLUTARCO, SUETÔNIO. *Vidas de César*. Tradução e notas de Antônio da Silveira Mendonça e Ísis Borges da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007, p. 131 – 135.
- JONES, C. P. Suetonius in the Probus of Giorgio Valla. In: TARRANT, R. J. (Ed.). *Harvard Studies in Classical Philology*. Harvard: Harvard University Press, 1986, p. 245-252.
- MCDONALD, A. H. *Roma Republicanana*. Lisboa: Verbo, 1971.
- MARECHAUX, P. Prefácio. In: PLUTARCO. *Como tirar proveito de seus inimigos*. Prefácio e notas de Pierre Maréchaux. Tradução de Isis Borges da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. IX-XXX.
- MENDONÇA, A. S. M. Introdução a Suetônio. In: PLUTARCO, SUETÔNIO. *Vidas de César*. Tradução e notas de Antônio da Silveira Mendonça e Ísis Borges da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

- PERRIN, B. Introduction. In: PLUTARCH. *Plutarch's Lives*. Tradução, introdução e notas explicativas de Bernadotte Perrin. Cambridge: Loeb Classical, 1967, p. XI-XIX.
- POLO, F. Ideología y práctica política em la Roma tardorrepublicana. *Gerion*, n. 12, p. 69-93, 1994.
- SANCHES-MANZANO, M. A. Introdução. In: VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana I*. Traducción de Maria Assunción Sánchez Manzano. Madrid: Gredos, 2001, p. 7-30.
- STARR, R. J. The scope and genre of Velleius' History. *The Classical Quarterly*, New Series, vol. 31, n. 1, p. 162-174, 1981.
- STARR, R. J. Velleius' Literary techniques in the organization of his History. *Transactions of the American Philological Association*, v. 110, p. 287- 301, 1980.
- SYME, R. *The Augustan Aristocracy*. Oxford: Clarendon, 2005.
- SYME, R. The travels of Suetonius Tranquillus. *Hermes*, v. 109, n. 1, p. 105-117, 1981.
- SYME, R. Mendacity in Velleius. *The American Journal of Philology*, v. 99, n. 1, p. 45-63, 1978.
- SYME, R. *Roman revolution*. Oxford: Oxford University Press, 1960.
- SYME, R. M. Vinicius (Cos. 19 BC). *The Classical Quarterly*, v. 27, n. 3/4, p. 142-148, 1933.
- TAYLOR, L. R. *The divinity of the Roman emperor*. Philadelphia: Porcupine Press, 1975.
- TAYLOR, L. R. The rise of Julius Caesar. *Greece & Rome*, second series, v. 4, n. 1, p. 07-25, 1957.
- WEINSTOCK, S. *Divus Julius*. Oxford: Oxford University Press, 1971.
- WOOF, G. *Becoming Roman: the origins of provincial civilization in Gaul*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- ZIEGLER, V. *Plutarco e a formação do governante ideal no Principado romano: uma análise da biografia de Alexandre*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009.